



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 1  
jan-abr.2024  
p. 158-172

# Gêneros não binários no Brasil: uma aproximação psicanalítica

*(Non-binary genders in Brazil: a psychoanalytical approach)*

*(Gêneros no-binarios em Brasil: un abordaje psicoanalítico)*

Leonora Maniglia Macedo<sup>1</sup>  
Patrícia Porchat<sup>2</sup>

**RESUMO:** Reivindicações de pessoas de gêneros não binários têm crescido exponencialmente em todo o mundo nos últimos anos, havendo escassez na literatura psicanalítica de estudos críticos a respeito de suas singularidades. Por meio dos conceitos de bissexualidade psíquica e de identificação, é possível aproximar a psicanálise dos estudos de gênero, das teorias *queer*, transfeminista e decoloniais a fim de elaborar diálogos que promovam novas perspectivas interdisciplinares. Produzir novas ferramentas teórico-clínicas na psicanálise se faz urgente, além de ser um compromisso ético para profissionais psi.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; não binário; psicanálise.

**Abstract:** Non-binary population's claims have grown exponentially worldwide in the last few years, and there is a lack of critical studies in psychoanalysis regarding their singularities. Through concepts such as psychic bissexuality and identification, it is possible to approach psychoanalysis to gender studies of the queer, transfeminist and decolonial theories in order to develop dialogues that promote new interdisciplinary perspectives. It is an urgent ethical professional commitment to produce new theoretical-clinical tools in psychoanalysis.

**Keywords:** gender; non-binary; psychoanalysis.

**Resumen:** Los reclamos de personas de géneros no-binarios han crecido exponencialmente en todo el mundo en los últimos años, con escasez en la literatura psicoanalítica de estudios críticos sobre sus singularidades. A través de los conceptos de bissexualidad psíquica e identificación, es posible acercarse al psicoanálisis a los estudios de género, teorías *queer*, transfeministas y decoloniales para elaborar diálogos que promuevan nuevas perspectivas interdisciplinarias. Es urgente producir nuevas herramientas teórico-clínicas en psicoanálisis, además de ser un compromiso ético para los profesionales psi.

**Palabras clave:** género; no-binario; psicoanálisis.

1 Mestranda em Educação Sexual / Unesp. E-mail: leonora.maniglia@unesp.br

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da UNESP/Bauru. E-mail: patiporchat77@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 15/05/2023  
Aceito em 30/08/2023

Surgem na atualidade demandas cada vez mais específicas acerca da extensa multiplicidade de gêneros caracterizados como ininteligíveis pelo estatuto binário. Ainda que suas existências não sejam concretamente novas, sua visibilidade foi impulsionada apenas nas últimas décadas, e majoritariamente nos últimos anos, desde que a linguagem neutra se tornou questão pública, gerando debates entre militantes e conservadores, e consequentes repressões do Estado. Richards e demais autores (2016) indicam que em países como Holanda, Bélgica, Inglaterra, Escócia, Estados Unidos e Israel, mapeamentos sobre sujeitos que declaram seus gêneros como não binários (incongruentes, inconformes ou dissidentes) têm sido realizados.

Spizzirri e demais autores (2021) e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), por meio de seus dossiês (Benevides; Nogueira, 2021), também o fizeram no Brasil, estimando a existência de cerca de 1,8 milhões de pessoas brasileiras não binárias. O dossiê de 2021 (Benevides, 2022) aponta ainda, entre elas, a preponderância de sujeitos autodeclarados brancos e com maior acesso à Educação Superior. Suas identidades foram, inclusive, garantidas legalmente pela Justiça brasileira de maneira inédita, havendo até mesmo mutirões de retificação de documentos para pessoas não binárias (Macedo, 2021).

É escassa a literatura específica no campo do saber psicanalítico que aborde gêneros não binários de modo crítico. Poirier (2021) promove um levantamento sobre pessoas não binárias na França, realizando um questionário sobre suas perspectivas de gênero e construção de corporalidade e analisando os dados obtidos a partir da psicanálise; um estudo semelhante, contudo, ainda não foi feito no Brasil. Na literatura brasileira encontramos raras menções a essa população, como em Porchat (2021), que não sejam patologizantes ou estigmatizantes. Pelo contrário, ela denuncia que a “noção de gênero binária empobrece a capacidade de lidar com o outro ser humano” (Porchat, 2012, p. 201). Encontramos, ainda, artigos que relacionam a psicanálise à problemática binária da construção de gêneros, de forma mais ampla, o que nos permitirá levantar algumas questões, como veremos a seguir.

Consideramos a psicanálise um dispositivo clínico-teórico que abre precedentes para a construção de hipóteses descritivas dos processos de subjetivação do psiquismo, e, por conseguinte, dos gêneros. Assumimos, ainda, o compromisso ético de pensar acerca das singularidades dos sujeitos, contextualizados em um período sócio-histórico cujas demandas apontam a urgência de se pensar em subjetividades não binárias, de forma crítica e não patológica. A partir da investigação de pontos de convergência entre esta e outras disciplinas, como a teoria *queer*, identificamos elementos teóricos que possibilitam a discussão, como o conceito de bissexualidade psíquica e de



identificação na obra de Freud.

### 1 Bissexualidade psíquica

O conceito de bissexualidade surgiu na pré-história da psicanálise com um significado distinto do que hoje é compreendido como orientação sexual no senso comum. Foram os estudos de Freud sobre a sexualidade infantil que lhe permitiram transpor o conceito de uma dimensão biológica a uma dimensão psíquica, construindo um aspecto fundamental da teoria psicanalítica, em cujo cerne a bissexualidade se relacionaria diretamente com a constituição de todo sujeito por meio de uma complexa rede de elaboração de identificações primitivas e escolhas objetais edípicas.

Freud teria entrado em contato com o termo bissexualidade por meio de seu amigo Wilhelm Fliess, atribuindo-lhe sua autoria quando lhe diz, em uma carta, que “a ideia em si é sua” (Freud, 1901 *apud* Masson, 1986, p. 449). Todavia, posteriormente, ele se retrata, reconhecendo que o conceito já vinha sendo elaborado por outros autores (Freud, 1904 *apud* Masson, 1986, p. 468). No primeiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (2016a, p. 31-32) constrói uma discussão sobre a bissexualidade, apontando em uma extensa nota de rodapé diferentes autorias que já haviam mencionado o termo ou a temática, listando seus nomes, publicações e datas, e tecendo breves comentários. Aparentemente, a mais antiga data de 1884, do fisiologista e endocrinologista francês Eugène Gley.

A despeito das disputas pela autoria do termo, a bissexualidade, tal como originalmente proposta no fim do século XIX, faz alusão à percepção de que “em nenhuma pessoa normalmente desenvolvida, homem ou mulher, faltam traços do aparelho do outro sexo, que continuam a existir sem função, como órgãos rudimentares, ou foram modificados para assumir outras funções” (Freud, 2016a, p. 29). O autor, inclusive, se vale à época da expressão “hermafroditismo anatômico” para descrever o que compreende como uma predisposição natural à bissexualidade em todos os indivíduos, que viriam a se desenvolver morfológica, fisiológica e organicamente e culminar em uma maturação monossexuada (macho ou fêmea), ainda que já fosse do conhecimento médico-científico a existência de corpos intersexo.

A noção de um sexo biológico binário só se fez presente na história do mundo ocidental a partir do século XVIII, como uma alternativa ao modelo até então vigente que presumia que haveria um monismo sexual (Laqueur, 2001), isto é, apenas um sexo, o pênis, que seria ora externo (machos), ora interno (fêmeas). O dimorfismo sexual teria sido conceituado apenas neste período, criando-se designações específicas para órgãos dos diferentes aparelhos sexuais. Ao longo do século XX, e com estudos ainda mais recentes das áreas da embriologia e da genética do século



XXI, o sexo biológico hoje pode ser apreendido como um espectro complexo de combinações de fenótipos e genótipos, não mais cabendo em uma suposição estritamente baseada na diferença entre os genitais (pênis ou vulva), tampouco na oposição normativa e binária de pares de cromossomos sexuais (XY ou XX).

Ainsworth (2015) aponta que até a quinta semana de gestação o embrião pode se diferenciar e originar tanto órgãos compreendidos como femininos quanto masculinos, o que depende de um grande número de variáveis genéticas e hormonais e culmina em órgãos análogos nos diferentes sexos. Por essas razões, ela critica a noção do sexo binário como “simplista”. Montañez (2017) pensa também em um espectro complexo de diferentes conformações sexuais, levando em consideração as articulações entre diferentes fatores como órgãos genitais, hormônios, genes, cromossomos e caracteres sexuais secundários, e reiterando que “quanto mais nós aprendemos sobre sexo e gênero, mais estes atributos parecem existir em um espectro”.

Inicialmente, em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (2016a, p. 22) buscava compreender os fenômenos das aberrações sexuais, com ênfase nas homossexualidades (as quais ele designava por “inversão”) e nas perversões. É neste momento que o autor tenta construir um diálogo entre a homossexualidade e a bissexualidade, mas acaba por concluir que “inversão e hermafroditismo somático<sup>3</sup> independem um do outro” (Freud, 2016a, p. 30).

Decide, então, transpor o conceito à noção de uma bissexualidade psíquica, referindo-se a tudo aquilo que concerne à coexistência no sujeito de caracteres psicológicos entendidos então como masculinos e femininos. Em sequência, também denomina de bissexualidade psíquica a forma como as escolhas objetais podem se dirigir aos aspectos compreendidos enquanto masculinos ou femininos no outro, independentemente de seu sexo anatômico. Freud afirma, ainda, que a bissexualidade psíquica é inerente a todos os indivíduos. Em nota de rodapé de 1915, observa que a natureza livre e dupla da bissexualidade psíquica, no que tange à escolha do objeto, seria a “atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou por outro, tanto o tipo normal [heterossexual] como o invertido [homossexual]” (Freud, 2016a, p. 35). É a partir da relação do sujeito com os objetos que seu psiquismo é constituído, que a linguagem é inserida, que se pode experimentar a vida pulsional e, portanto, se relacionar com a realidade. Aponta, também, que não há diferenças entre as atividades autoeróticas das zonas erógenas nos dois sexos, e que seria apenas com a puberdade que a distinção entre os caracteres compreendidos como masculinos e femininos passaria a configurar um verdadeiro contraste entre os sexos (Freud, 2016a, p. 138).

<sup>3</sup> Ao longo dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (2016a) usa ambas as terminologias “hermafroditismo somático” e “hermafroditismo anatômico” para se referir à bissexualidade.



Vale ressaltar que, em uma extensa nota acrescentada em 1915, Freud já reconhece a problemática da própria designação opositiva de masculino e feminino, evidenciando seu caráter incerto e buscando compreendê-la sob diferentes óticas. Aqui ele aponta três possibilidades de compreensão destes conceitos: uma biológica, uma sociológica e uma no sentido de atividade e passividade (Freud, 2016a, p. 139-140). A primeira, alicerçada na biologia, considerava os caracteres genéticos, anatômicos e hormonais que servem de base para categorizar corpos em machos e fêmeas, perspectiva repensada por autores da biomedicina contemporânea; em seguida, a perspectiva sociológica consideraria os diferentes papéis performados na existência efetiva dos indivíduos, aquilo que autoras feministas e da teoria *queer* viriam posteriormente a postular como o gênero. E a terceira, de que o autor se vale prevalentemente, associa a atividade à masculinidade, e a passividade à feminilidade, fundamentação contestável pelo seu caráter normativo e que o leva a crer que “a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher, e independentemente de o seu objeto ser homem ou mulher” (Freud, 2016a, p. 139).

A bissexualidade psíquica será associada por Freud, principalmente, aos tipos de manifestações sexuais e escolhas objetais quando, por exemplo, busca insistentemente encontrar associações entre a bissexualidade e as homossexualidades e perversões (Freud, 2016b), ou, ainda, quando acredita que sua paciente Dora demonstra sentimentos ambivalentes dirigidos a seu pai e à amante deste, a sra. K. (Freud, 2016b, p. 244-245).

Em 1923, em *O Ego e o Id*, Freud reforça o papel da bissexualidade psíquica e como ela se entrelaça à triangulação edípica, tanto por uma relação de interdependência entre a identificação com os pais e a força das disposições sexuais masculinas e femininas, quanto por compreender que o Complexo de Édipo deveria ser pensado a partir de uma ótica mais complexa que o caminho simples de esquematização a que estava habituado. Se no caminho simples, Freud pensava na triangulação formada pela criança com seus pais, havendo desejo e ternura para um deles e hostilidade e rivalidade para com o outro, agora desenvolve a hipótese de um Édipo “*mais completo*, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança” (Freud, 2011a, p. 41). Ele sugere que a ambivalência nas relações edípicas (de hostilidade e ternura com ambos os pais) possa ser inteiramente decorrente da bissexualidade psíquica, articulada às identificações e escolhas objetais.

Tendo em vista a complexidade destas relações da bissexualidade com os processos psíquicos, Freud reconhece suas próprias limitações para compreender as escolhas objetais e identificações mais primitivas, o que gera mais um empecilho na elucidação do conceito em si (Freud, 2011a, p. 41). A oposição entre masculino e feminino é outro fator que dificulta sua



apreensão.

É só em um momento posterior, em *O Mal-Estar na Civilização*, que Freud confere uma autocrítica à associação entre masculino e ativo e entre feminino e passivo, retomando a disposição bissexual:

Estamos habituados a dizer que cada pessoa mostra impulsos instintuais, necessidades, características tanto masculinas quanto femininas; a natureza do masculino ou feminino, porém, pode ser indicada pela anatomia, mas não pela psicologia. Para esta, a oposição dos sexos empalidece ante aquela entre atividade e passividade, na qual identificamos precipitadamente a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade, o que de maneira nenhuma se confirma invariavelmente no reino animal (Freud, 2010, p. 70-71).

Explicita-se desta forma a dificuldade do autor em chegar a uma conclusão sobre a bissexualidade psíquica, uma vez que não pôde conceber uma lógica precisa e definitiva a respeito dos próprios conceitos de feminilidade e masculinidade que ela engloba. As teorias de gênero que se construíram ao longo das décadas posteriores ao seu trabalho e falecimento proporcionam vieses que permitem analisar tais construções no campo social e contestar também seu caráter binário, como discutido mais adiante. Além disso, outras autorias seguiram a investigação do conceito.

Na década de 1960, Laplanche e Pontalis (2000, p. 55) disseram que a bissexualidade indicaria que “todo ser humano teria constitucionalmente disposições sexuais simultaneamente masculinas e femininas que surgem nos conflitos que o sujeito enfrenta para assumir o seu próprio sexo”. Os autores também reconhecem o fato de que Freud, ao longo de sua obra, não definiu uma posição ou elucidação clara a respeito deste conceito. Ainda hoje, segundo um extenso levantamento bibliográfico feito por Carneiro e Lazzarini (2020), não há consenso entre as várias formulações encontradas e ao menos em dois importantes autores da psicanálise, como Winnicott e Bion, acreditamos ver a mesma polaridade que levou Freud ao impasse que vimos.

De acordo com Carneiro e Lazzarini (2020, p. 178), Winnicott relaciona “o masculino ao instinto (o fazer); e o feminino, ao seio (o ser)”, indicando a coexistência de ambos no indivíduo. É possível estabelecer um vínculo com o que vimos em Freud e associar o “fazer” à atividade/masculinidade e o “ser” ao caráter da passividade/feminilidade. Já em Bion, na divisão apresentada pelas autoras entre continente (elemento receptor) e conteúdo (elemento projetado e intrusivo) associados ao feminino (♀) e ao masculino (♂), e instalando no bebê um aparelho ♂♀ que formará parcialmente o aparelho de função-alfa (Carneiro; Lazzarini, 2018), não é difícil vincular o elemento receptor com a passividade e o intrusivo com a atividade.

Por último, Haber aponta que a inconclusividade sobre a teoria da bissexualidade psíquica em Freud e outros autores se deve, possivelmente, à dificuldade do analista em lidar com as próprias “incertezas, as contradições, a dialética viva do masculino e do feminino, os problemas identitários



e os paradoxos típicos do narcisismo” (Haber, 1997, p. 52, tradução nossa).

Faz-se plausível levantar a hipótese de que a constante e insistente tentativa dos autores de associar a feminilidade à passividade e a masculinidade à atividade seria em si uma manifestação de um mecanismo de tecnologia de gênero, tal qual descrito por Lauretis (1987), em prol da manutenção subjetiva e, por vezes, inconsciente, de uma normatividade e inteligibilidade de gênero binário.

## 2 Identidade e identificação

A respeito das identidades de gêneros não binárias, frisa-se a importância de investigar também, além da bissexualidade psíquica, o conceito de identificação na psicanálise, considerando-o em paralelo ao de identidade.

O termo identidade não é um termo psicanalítico. Esta linha teórica trabalha com as identificações, enquanto transitórias, impermanentes, muitas vezes promovendo críticas às pautas identitárias. Cunha (2006) indica que, ainda que o termo ‘identidade’ tenha sido usado várias vezes ao longo da obra freudiana, ele nunca designou um conceito, processo, fenômeno ou mecanismo psíquico específico, e que também as edições brasileiras se valeram desta terminologia em diversos momentos da tradução, à diferença da maioria de outras edições estrangeiras. Segundo ele, a identidade se referiria àquilo em um sujeito que permite “seu reconhecimento e afirma sua singularidade, isto é, garante sua diferença frente a outra pessoa, coisa, processo, evento, etc” (Cunha, 2006, p. 217). Ela permitiria a sensação de familiaridade, de ser acolhido como igual, e ao mesmo tempo afirmar suas particularidades e diferenças. Não diz respeito, contudo, à realidade material, mas sim à ordem da ficção, do ilusório, do alucinado. Por esta razão, o autor sustenta que a teoria psicanalítica lida com identificações e não com identidades, pois reconhece apenas aquelas como fenômenos inerentes ao psiquismo. Todavia, afirma que “ainda que a noção de identidade seja uma presença estrangeira no campo psicanalítico, essa presença parece-me absolutamente necessária” (Cunha, 2006, p. 210).

Rivera (2020) corrobora essa ideia quando aponta que a crítica às pautas identitárias, que no interior do raciocínio psicanalítico teriam como efeito a recusa da alteridade, poderia se tornar um instrumento alienante de recusa da diferença:

De fato, recusar a identidade em nome da alteridade, da diferença e da singularidade, hoje, é ignorar que se trata, com o recurso a significantes identitários, justamente de afirmar diferenças secularmente denegadas por discursos pseudo-desidentitários que relativizam a cor da pele pela afirmação de uma mestiçagem generalizada e despistam a violência de gênero através de uma suposta libertinagem carnavalesca (Rivera, 2020).

Consideraremos, portanto, a identidade enquanto um dispositivo político de



reivindicação das diferenças, de pertencimento; uma ferramenta que julgamos essencial, mesmo para a psicanálise, para a mobilização e reivindicação de direitos e para a ocupação de espaços sociais denegados há séculos a corpos dissidentes. Assumimos como dever ético pensar nas identidades a partir de um olhar interseccional, considerando os diferentes marcadores sociais (raça, classe, gênero, sexualidade etc.) e as articulações de opressões que os atravessam, como proposto por Crenshaw (1989).

Quando se trata especificamente das identidades de gênero, tomaremos como base sua definição original, cunhada por Stoller (1968), que pode ser aproximada ao que Freud e Haber entendem por bissexualidade psíquica. Sua obra, contudo, não deve ser lida sem críticas à forma biologizante com que descreve as transidentidades:

Gênero é a quantidade de masculinidade e feminilidade encontrada em uma pessoa, e, obviamente, uma vez que há um conjunto de ambas em muitos humanos, o macho normal tem uma preponderância de masculinidade e a fêmea normal, uma preponderância de feminilidade. *Identidade de Gênero* começa com o conhecimento e a percepção, independentemente se consciente ou inconsciente, que se pertence a um sexo e não ao outro (Stoller, 1968, p. 9-10, tradução nossa)

Mas se a psicanálise, enquanto perspectiva teórica, dirige muitas críticas às pautas identitárias, desconsiderando, recorrentemente, a relevância sociopolítica da categoria identidade em detrimento das identificações, enquanto processos psíquicos fundantes das subjetividades, o que ela considera então como sendo as identificações?

No *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis definem a identificação a partir de Freud como um processo constitutivo do psiquismo, por meio de que um atributo ou aspecto do outro é assimilado, total ou parcialmente; enfatizam ainda que ela não deve ser compreendida como uma “simples imitação, mas apropriação baseada na pretensão a uma etiologia comum” (Laplanche; Pontalis, 2000, p. 227), um traço comum a suas personalidades.

Freud aborda a identificação em incontáveis passagens de sua extensa obra literária, desde as correspondências trocadas com Fliess, na pré-história psicanalítica. Contudo, é em *Luto e Melancolia* que ele se dispõe a começar a conceituá-la. Neste texto, o autor tenta compreender os diferentes processos psíquicos envolvidos na melancolia, comparando-a ao luto. Sendo este a reação a uma perda objetal, a melancolia seria compreendida como uma reação patológica ao mesmo evento. Ambos os quadros se caracterizam pela “cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade”, mas se diferenciam pela diminuição da autoestima restrita aos quadros de melancolia (Freud, 2010, p. 172). Todo o investimento libidinal direcionado ao objeto perdido deveria ser redirecionado para objetos substitutos, e o abandono da posição libidinal anterior promoveria dolorosas angústias.



Se no luto o objeto perdido é conscientemente percebido, na melancolia isso não necessariamente se reproduz, podendo a perda ser inconsciente, de objetos ideais, não reais. Freud aponta ainda que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (Freud, 2010, p. 176). Trata-se de um quadro marcado por intensa autocrítica e degradação de si, em conjunto com insônia, recusa alimentar e declínio das pulsões de autopreservação da vida. A libido objetal, em vez de deslocada para outro objeto, como no processo normal do luto, recua ao próprio Eu, construindo uma identificação com o objeto abandonado.

Já em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud discorre melhor sobre o conceito, entendendo a identificação como “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”, e que seria sempre ambivalente (Freud, 2011b, p. 60). O autor sintetiza sua compreensão sobre três diferentes vias para as identificações:

primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais (Freud, 2011b, p. 64-65).

Sendo assim, a primeira via se referiria às identificações mais primitivas da vida. Já a segunda via é ilustrada por Freud quando indica, com a resolução da equação edípica, que uma escolha objetal renunciada ou perdida pode regredir à identificação, tomando o Eu como objeto, de forma análoga à descrita no processo da melancolia, formando sintomas neuróticos (Freud, 2011b, p. 63). E, por fim, a terceira via abre possibilidades para pensar nas identificações enquanto descoladas dos investimentos objetais, expandindo-as às formações dos vínculos em geral, a qualquer momento da vida, sendo sempre parciais, limitadas a um traço ou característica do objeto.

Ao abordar novamente o tema em *O Ego e o Id*, o autor acrescenta que o processo de identificação, tal como proposto na melancolia, é típico e frequente, participando de modo importante na configuração do Eu e contribuindo “de modo essencial para formar o que se denomina seu *caráter*” (Freud, 2011a, p. 35).

### 3 Identificação, psicanálise e gênero

As três vias identificatórias permitem construir aproximações entre a teoria psicanalítica e o gênero. Se pela primeira via, ambos agentes da paternagem são alvo das identificações primárias, pode-se pensar nas características masculinas e femininas referentes à bissexualidade psíquica de ambos como elementos parciais tomados como objeto e internalizados no *infans*, termo usado em psicanálise para designar a criança que ainda não fala. Dessa maneira, os polos sexuais são ambos enriquecidos, compondo a bissexualidade psíquica do próprio *infans* de forma indiferenciada nos



primeiros momentos da vida psíquica. A segunda via, que se refere aos investimentos libidinais abandonados regredidos à identificação, permite que, ao longo de nossas vidas e com certa frequência, internalizemos traços referentes a ambos os polos sexuais do objeto, não havendo distinção necessária que pressuponha a internalização de aspectos de apenas um dos polos.

A terceira via, por sua vez, amplia as possibilidades de identificações com caracteres compreendidos socialmente tanto como masculinos, quanto como femininos. Isto ocorre no decorrer de nossas existências a partir da vincularidade, dos múltiplos encontros em vida com objetos que compõem nossas realidades materiais e, por conseguinte, configuram nossa realidade psíquica interna. Uma vez que os objetos que se encontram conosco em nossas vidas são múltiplos, as identificações parciais e inconscientes decorreriam igualmente de múltiplas possibilidades, não cabendo no universo binário cindido entre masculino e feminino. Isso sustenta a ideia de que as identificações seguiriam percursos não limitados ou restritos a apenas um dos polos sexuais.

Já Lacan, no *Seminário 9: A Identificação*, retoma o conceito em Freud e o amplia com os estudos de linguística de Saussure, enfatizando a relação do sujeito com o significante. Lacan indica então que “o que distingue o significante é somente ser o que os outros não são; o que, no significante, implica essa função de unidade é justamente ser somente diferença. É enquanto pura diferença que a unidade, em sua função significante, se estrutura, se constitui” (Lacan, 2003, p. 48-49).

Fazendo o diálogo com essas discussões com as teorias *queer*, transfeministas e decoloniais sobre o gênero, podemos considerar que as diferentes identidades de gênero seriam formas do sujeito se afirmar e se posicionar perante a sociedade a partir das identificações com masculinidades e feminilidades que constituem sua subjetividade. Desse modo, podemos assumir que, assim como os significantes não são idênticos entre si, os conceitos de feminilidade e masculinidade são, como postula Butler (2003), mimetizações de um original que não existe. Nos termos da autora, o gênero seria performativo, “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 69). Tratar-se-ia, portanto, não de algo universal, uma vez que os diferentes contextos sociais, históricos e culturais manteriam estruturas reguladoras distintas, e mesmo dentro destas estruturas as transmissões psíquicas familiares e os atravessamentos interseccionais atribuiriam valores distintos à masculinidade e à feminilidade.

Desta forma, os próprios significantes ‘homem’ e ‘mulher’ se fazem tão fictícios e imaginários como significantes outros como ‘travestis’, ‘transmasculinos’, ‘transfemininas’, ‘gênero fluido’,



‘andróginos’, ‘agêneros’, ‘boycetas’, dentre outras transidentidades reivindicadas na atualidade no contexto brasileiro. Sobre isso, corroboramos o apontamento de Ayouch, pensando não só no sexo, mas também no gênero, quando diz que:

A identificação é sempre temporária e mutável: é definida por uma situação no tempo, uma história, uma finitude e uma atribuição vinda do outro [...]. Em termos metapsicológicos, quando se coloca a ênfase sobre a multiplicidade psíquica e as camadas de conflitos, sobre a pulsão e a dinâmica psíquica, não faz nenhum sentido falar em termos de categorias unificadas e enrijecidas de masculinidade e feminilidade e de diferença binária entre os sexos (Ayouch, 2014, p. 69).

Compreendemos assim, que, do ponto de vista subjetivo, toda identidade é ficcional e relacional, e só existe a partir da afirmação da diferença. O mesmo vale para o gênero; se há o binário, que engloba a oposição e complementaridade entre as categorias homem e mulher, há o não binário, aquilo referente às possibilidades outras de subjetivação que se distinguem destas, abrangendo diferentes maneiras de compreensão de si e expressões de corporalidade, sendo nem mais nem menos legítimas que aquelas primeiras. Todavia, do ponto de vista político, as identidades de gênero são modos essenciais de reivindicar lugares na sociedade.

Ressaltamos ainda que a passagem pelo Complexo de Édipo não deve se pretender como fundadora de uma identidade de gênero específica, mas sim constituinte de funcionamentos psíquicos distintos, moldados a partir da introdução do sujeito na linguagem, que age sobre o gênero. Se as identificações são transitórias, e são realizadas com diferentes objetos ao longo de toda a vida, deveríamos pensar também as identidades de gênero enquanto posições inacabadas, construídas sempre a partir de novos moldes socioculturais e referências estético-políticas de performatividades.

É necessário revisitar configurações outras de gêneros em modelos decoloniais, a fim de se questionar a rigidez normativa do binário cisgênero e eurocentrado que nos foi imposto. E a partir disto, problematizar as teorias psicanalíticas que se alicerçam na diferença sexual em macho e fêmea para seguir reproduzindo práticas e discursos que discriminam e estigmatizam corpos dissidentes. O diálogo com os estudos decoloniais, *queer* e transfeministas se mostram saídas relevantes e possíveis para identificar as inconsistências da psicanálise tomadas como organizadores inquestionáveis, como, por exemplo, ter partido do campo da “cisnormatividade” para pensar o gênero.

Viviane Vergueiro Simakawa (2015) descreve a cisnormatividade como um campo simbólico específico em que o gênero binário – homem e mulher – emerge, sendo sua existência condicionada por três alicerces: “pré-discursividade”, por meio de que se designam sexos/gêneros a bebês recém-nascidos ou ainda durante a própria gestação, a partir da genitália; “binariedade”, a



partir de que se atribui inteligibilidade a dois e apenas dois sexos/gêneros, macho/homem e fêmea/mulher; “permanência”, que associa ao sistema sexo/gênero um caráter de imutabilidade desde o nascimento à morte.

Esse campo simbólico, todavia, estaria intrinsecamente ligado, no mundo Ocidental, a um aparato de colonialidade europeia que opressivamente impôs sua própria concepção aos países subjugados nos últimos séculos. Como bem indica Oyěwùmí (2020, p. 69), “o gênero não era um princípio organizador na sociedade iorubá antes da colonização pelo Ocidente. As categorias ‘homens’ e ‘mulheres’ eram inexistentes e, portanto, nenhum sistema de gênero esteve em vigor”. Ela reforça suas críticas, ao longo da obra, ao sistema de gênero efeito da colonização, que carregaria a marca de uma “bio-lógica” e associaria papéis sociais a papéis sexuais reprodutivos, no que chama de um sistema de gênero marcado pelo sexo, em contraposição ao sistema de senioridade que vigorou entre povos iorubás em períodos anteriores à chegada dos europeus: as comunidades se hierarquizavam pelo tempo de vida partilhado dentro delas, sendo as lideranças aqueles que haviam vivido há mais tempo entre seus povos.

De forma análoga, inúmeros outros povos ao redor do mundo apresentam outras construções históricas de gênero, incluindo possibilidades para além do binário: *berdaches* entre os povos nativos norte-americanos, *muxes* mexicanas, *kathoeyes* tailandeses, *hijras* hindus, dentre outros (Ayouch, 2015). A identidade *travesti* latino-americana, por exemplo, dataria de um período tão antigo quanto a própria construção do Brasil colônia; segundo nos conta Jesus (2019), Xica Manicongo, uma travesti africana escravizada, teria vivido em Salvador no fim do século XVI, sido perseguida e condenada ao crime de “sodomia”, e forçada a vestir roupas masculinas. Demonstra-se, assim, mister pensarmos em gêneros não binários quando muitos destes vêm sendo historicamente apagados, sendo sua existência de forma alguma nova na humanidade.

---

## Referências

AINSWORTH, C. Sex redefined. *Nature*, [United Kingdom], v. 518, p. 288-291, 18 fev. 2015. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/518288a>. Acesso em: 20 out. 2021.

AYOUCHE, T. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 58-70, 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2014000400006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400006). Acesso em: 25 abr. 2022.

AYOUCHE, T. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Revista Percurso*, São Paulo, n. 54, p. 23-32, 2015. Disponível em: <https://hal.science/hal-01498414>. Acesso em: 10 nov.



2021.

BENEVIDES, B. (org.). *Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2021*. São Paulo: ANTRA: IBTE, 2022. Ebook. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2023.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). *Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020*. São Paulo: ANTRA: IBTE, 2021. Ebook. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2023.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, C. A.; LAZZARINI, E. R. A bissexualidade psíquica na constituição do sujeito: sobre suas origens e destinos identitários. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 585-612, 2018. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/387>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CARNEIRO, C. A.; LAZZARINI, E. R. Acolher a diferença: a função da bissexualidade psíquica na construção da subjetividade. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 155-186, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382020000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100007). Acesso em: 13 dez. 2021.

CRENSHAW, K. W. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 1, n. 8, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 08 jan. 2022.

CUNHA, E. L. Uma interrogação psicanalítica das identidades. *Caderno CRH*, Salvador, v. 13, n. 33, p. 209-228, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18575>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FREUD, S. Luto e Melancolia. [1917]. In: FREUD, S. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194. v. 12.

FREUD, S. O Caso Dora. [1905]. In: FREUD, S. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a. p. 173-320. v. 6.

FREUD, S. O Eu e o Id. [1923]. In: FREUD, S. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. p. 13-74. v. 16.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. [1930]. In: FREUD, S. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122. v. 18.

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu. [1921]. In: FREUD, S. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. p. 13-113. v. 15.

FREUD, S. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. [1905]. In:



FREUD, S. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b. p. 13-172. v. 6.

HABER, M. Identité, bisexualité psychique et narcissisme. In: FINE, A.; LE BOUEF, D.; LE GUEN, A. (ed.). *Bisexualité*. (Monographies de psychanalyse). Paris: Presses universitaires de France, 1997. p. 49-68.

JESUS, J. G. de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817>. Acesso em: 18 fev. 2022.

LACAN, J. *A identificação: seminário 1961-1962*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAURETIS, T. de. Technologies of Gender. In: LAURETIS, T. de. *Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction*. Indiana: Indiana University Press, 1987. p. 1-30.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACEDO, F. Justiça do Rio reconhece 47 pessoas como não-binárias. *Estadão*, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/justica-do-rio-reconhece-47-pessoas-como-nao-binarias/>. Acesso em: 3 mar. 2022.

MASSON, J. M. (ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MONTAÑEZ, A. Beyond XX and XY: the extraordinary complexity of sex determination. *Scientific American*, [s. l.], v. 317, n. 3, p. 50-51, 2017. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/beyond-xx-and-xy-the-extraordinary-complexity-of-sex-determination/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

OYĚWÙMÍ, O. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

POIRIER, F. *Non-binarité chez les jeunes adultes: élaboration d'un savior autour des énonciations non-binaires et perspectives pour la compréhension de l'identité de genre chez tout.e un.e chacun.e*. 2021. Thèse (Doctorat en Psychologie) – Université Paris-7, Paris, 2021. Disponível em: <https://www.theses.fr/2021UNIP7061>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PORCHAT, P. P. da S. K. Psicanálise, gênero e singularidade. *Revista faac*, Bauru, v. 2, n. 2, p. 195-202, 2012. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/135>. Acesso em: 10 maio 2022.

PORCHAT, P. P. da S. K. Três Respostas aos Gêneros “não-binários”. *Revista Cult*, São Paulo, v. 270, n. 24, p. 32-35, 2 jun. 2021.



RICHARDS, C. *et al.* Non-binary or genderqueer genders. *International Review of Psychiatry*, Gante, v. 28, n. 1, p. 95-102, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3109/09540261.2015.1106446>. Acesso em: 25 mai. 2021.

RIVERA, T. Por uma psicanálise a favor da identidade. *Revista Cult*, São Paulo, 24 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/por-uma-psicanalise-favor-da-identidade/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SIMAKAWA, V. V. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SPIZZIRRI, G. *et al.* Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. *Nature*, [s. l.], v. 11, n. 2240, 2021.

STOLLER, R. J. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. Londres: Karnac Books, 1968.

